

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

Neo-panafricanismo como alternatia ao neoliberalismo [Neo-Pan-Africanism as an alternative to neoliberalism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Costa, Andriolli
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-26 06:38:37
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158384

Neopanafricanismo como alternativa ao neoliberalismo

Mbuyi Kabunda considera a ideologia neoliberal imposta aos governos africanos, segundo a qual se pode vender e comprar tudo, a nova forma de colonização do continente

POR ANDRIOLLI COSTA E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER
COLABOROU: FERNANDA FRIZZO BRAGATO

A descolonialidade está para muito além das formalidades legais que tornam um país, teoricamente, livre. Nesse sentido, o professor Mbuyi Kabunda, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, sustenta que é preciso recuperar o *Neopanafricanismo*. “Nkrumah fundamentou seu projeto de unidade do continente ou dos Estados Unidos da África a partir do socialismo, instaurado em todos os países africanos como base do pan-africanismo ou da unidade econômica e política do continente”, explica Kabunda. “Dito com outras palavras, todo o programa de Nkrumah consistia na instauração do socialismo marxista ou científico em todos os países africanos. Era, segundo ele, a única condição de realização da unidade africana ou do pan-africanismo. Infelizmente, sofreu a hostilidade dos interesses imperialistas instalados no continente e dos líderes do socialismo africano aliados aos interesses ocidentais”, contextualiza.

O professor, entretanto, não defende o retorno a um marxismo totalitário, mas, sim, propõe a uma perspectiva de superação da divisão nacionalista das nações africanas. “O *neopanafricanismo*, assim como o projeto nkrumahista, é um enfoque maximalista e uma visão federalista da união africana”, sugere.

Mbuyi Kabunda, nascido na República Democrática do Congo, é doutor em Relações Internacionais pela Universidad Complutense, Madrid, Espanha. É professor do Instituto Internacional de Direitos Humanos de Estrasburgo e professor de Relaciones Internacionales e Estudos Africanos do mestrado da Universidad Autónoma de Madrid - UAM. É, também, diretor da revista *África América Latina Cuadernos de Solidaridad para el Desarrollo y la Paz - So-depaz* e Diretor do Observatório de Estudos sobre a Realidade Social Africana da Universidad Autónoma de Madrid.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consiste pensar o neopanafricanismo hoje?

Mbuyi Kabunda – Pensar o *neopanafricanismo* hoje consiste em encontrar uma alternativa para o neoliberalismo mediante a adoção de outro modelo de desenvolvimento coletivo que ponha no centro os interesses e as aspirações de povos africanos, ou o afrocentrismo ou a afrocetricidade, que consiste em fortalecer as capacidades de ação e atuação dos povos africanos a partir dos saberes e práticas endógenos.

IHU On-Line – De que modo estas propostas se aproximam e se afastam

do pan-africanismo defendido por Kwame Nkrumah¹ na década de 1950?

¹ **Kwame Nkrumah** (1909-1972): foi um líder político africano, um dos fundadores do Pan-Africanismo. Foi primeiro-ministro entre 1957 e 1960 e presidente de Gana de 1960 a 1966. Em 1945, ajudou a organizar o sexto Congresso Pan-Africano em Manchester, Inglaterra. Depois disso, começou a trabalhar para a descolonização da África. Quando a independência de Gana ocorreu em 1957, Nkrumah foi declarado o Osagyefo (líder vitorioso) e foi empossado como primeiro-ministro, procurando ajuda do bloco comunista. Em 1962 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz. Em 1964, depois de turbulências econômicas e políticas, Nkrumah declarou-se presidente vitalício de Gana. Em 1966, ele sofreu um golpe de estado militar apoiado pelo Reino Unido, enquanto estava em Hanoi, no Vietnã do Norte.

Mbuyi Kabunda – Há muitos aspectos comuns com o pan-africanismo nkrumahista: tomar o continente em sua totalidade (Estados Unidos da África) e sua organização e reestruturação sob a forma de uma federação ou confederação. Nkrumah fundamentou seu projeto de unidade do continente ou dos Estados Unidos da África a partir do socialismo, instaurado em todos os países africanos como base do pan-africanismo ou da unidade econômica e política do continente. Dito com outras palavras, todo o

Exilado na Guiné, jamais retornaria ao seu país de origem. Morreu em 1972 e foi enterrado na vila onde nasceu (Nota da IHU On-Line)

programa de Nkrumah consistia na instauração do socialismo marxista ou científico em todos os países africanos. Era, segundo ele, a única condição de realização da unidade africana ou do pan-africanismo. Infelizmente, sofreu a hostilidade dos interesses imperialistas instalados no continente e dos líderes do socialismo africano aliados aos interesses ocidentais. O *neopanafricanismo*, assim como o projeto nkrumahista, é um enfoque maximalista e uma visão federalista da união africana.

IHU On-Line – Quais são os fundamentos para a integração regional da África hoje?

Mbuyi Kabunda – São fundamentalmente econômicos: a organização do mundo em torno dos blocos econômicos e comerciais (União Europeia, Tratado Norte-Americano de Livre Comércio NAFTA [na sigla em inglês], Mercosul, Cooperação Econômica Ásia-Pacífico – APEC [na sigla em inglês], Associação das Nações do Sudeste Asiático – ASEAN, etc.); o PIB de todos os países africanos juntos, excluindo a África do Sul, é o equivalente ao PIB do México ou à metade do PIB da Grã-Bretanha. O que exclui qualquer possibilidade de desenvolvimento isolado, pois nenhum país africano tem a população ou os recursos suficientes para conseguir o desenvolvimento sozinho. O problema coloca-se nos termos de nos unirmos para sobreviver ou nos dividirmos para desaparecer.

IHU On-Line – A centralização de territórios africanos em governos únicos levou, às vezes, à dominação de diferentes etnias por grupos adversários. Como pensar em algo como os “Estados Unidos da África” levando em conta as individualidades de seus grupos componentes?

Mbuyi Kabunda – Em um mundo cheio de incertezas e desafios de toda índole, não há outra opção para os africanos senão superar suas individualidades e, particularmente, suas afinidades étnicas. Trata-se da unidade na diversidade, a unidade respeitosa das diversidades étnicas, partindo do princípio segundo o qual a uniformidade empobrece e a diversidade enriquece. Não há contradição, mas complementaridade. Além disso, não

se deve demonizar as etnias ou as nacionalidades africanas que são favoráveis à unidade. São as manipulações dos dirigentes, por razões de poder político e econômico, que as convertem em integristas ou “identidades assassinas”.

IHU On-Line – Que outras dificuldades estão relacionadas à integração africana?

Mbuyi Kabunda – As mais importantes são o apego às soberanias nacionais ou os nacionalismos exacerbados; a falta de complementaridade entre as economias africanas; privilegiar as relações verticais com as antigas metrópoles em detrimento das horizontais; a existência de várias moedas nacionais inconvertíveis entre si; a ausência ou escassez de infraestruturas físicas, de comunicação e produção ou de transportes entre os países africanos; o enfoque equivocado de integração, mimético, pelo mercado (livre-cambista); a falta de vontade política das classes governantes, etc.

IHU On-Line – No âmbito do agronegócio, devido às grandes extensões territoriais e terras pouco aproveitadas, a África é vista como uma nova fronteira agrícola. De que modo nos dias atuais isto mostra uma visão colonialista do continente?

Mbuyi Kabunda – Existe uma ameaça das terras africanas compradas pelas multinacionais e alguns governos do Norte e de outras regiões do mundo para produzir alimentos para as suas populações com um alto poder aquisitivo. Trata-se de terras étnicas, agora confiscadas pelos governos que as vendem para conseguir divisas, hipotecando o futuro no continente. É a consequência direta da ideologia neoliberal imposta aos governos africanos, segundo a qual se pode vender e comprar tudo. É uma nova forma de colonização do continente.

O problema da África é a fome, que pode ser resolvida mediante a autonomia e a soberania alimentar. Ou seja, mediante a produção de alimentos utilizando para tal efeito as terras africanas.

IHU On-Line – O que implica pensar em uma cooperação Sul-Sul e não Norte-Sul?

Mbuyi Kabunda – Para criar frentes comuns ou dinâmicas Sul-Sul nas negociações internacionais, promover os interesses e a solidariedade do Sul; conseguir uma nova ordem internacional mais equitativa; fomentar o regionalismo, as coalizões estratégicas, e promover a cooperação econômica, financeira e técnica entre os povos em desenvolvimento. A cooperação Sul-Sul não deve ser uma alternativa à cooperação Norte-Sul, mas complementar. A “cooperação a favor, e não contra”. Trata-se de somar, e não subtrair.

IHU On-Line – De que forma os dilemas do Sul global encontram ecos com os outros?

Mbuyi Kabunda – Existe um desconhecimento total entre os povos e os movimentos sociais do Sul – latino-americanos, asiáticos e africanos – ou do Sul Global devido às políticas de exclusão de muitos governos do Sul e a serviço dos interesses neoliberais ou imperialistas. É preciso favorecer os contatos entre os povos indígenas, as universidades, os professores, os estudantes, os trabalhadores dos países africanos, asiáticos e latino-americanos..., para intercambiar suas experiências e promover seus interesses. A cooperação Sul-Sul não deve limitar-se aos Estados ou governos, mas estender-se também aos povos.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Mbuyi Kabunda – O século XXI será africano. É o continente do futuro mediante uma prévia e tripla reestruturação: a interna (mediante a democratização econômica e social), a regional (mediante a integração regional popular ou a partir dos povos) e a externa, mediante a democratização das relações econômicas internacionais no sentido da justiça e da equidade. Pois, como manifestava Nelson Mandela², “a África necessita mais de justiça do que de ajuda”.

2 Nelson Mandela (1918-2013): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era considerado pelo governo sul-africano um terrorista. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, recebendo em 2002. (Nota da IHU On-Line)